

- LAKOFF, George and Mark Johnson. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. vol. 1: *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEES, Robert B. *The Grammar of English Nominalizations*. The Hague: Mouton, 1960.
- MCCAWLEY, James D. Verbs of bitching. In *Contemporary Research in Philosophical Logic and Linguistic Semantics*, David Hockney et al. (eds.), 313–332. Dordrecht: Reidel, 1975.
- PIKE, Kenneth L. *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. The Hague: Mouton, 1967.
- ROSCH, Eleanor H. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In *Cognitive Development and the Acquisition of Language*, Timothy E. Moore (ed.), 111–144. New York: Academic Press, 1973.
- ROSENBAUM, Peter S. *The Grammar of English Predicate Complement Constructions*. Cambridge, MA: MIT Press, 1967.
- SCHANK, Roger C. and Robert P. Abelson. *Scripts, Plans, Goals and Understanding: An Inquiry into Human Knowledge Structures*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1977.
- SWEETSER, Eve E. The definition of *lie*: An examination of the folk theories underlying a semantic prototype. Unpublished ms., 1981.
- TALMY, Leonard. *Grammar and cognition*. Unpublished ms. University of California at San Diego, Cognitive Science Program, 1980.
- TESNIÈRE, LUCIEN. *ELEMENTS DE SYNTAXE STRUCTURALE*. PARIS: KLINGKSIECK, 1959.
- TRIER, Jost. *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes*. Heidelberg, 1931.
- WILSON, Deirdre. *Presuppositions and Non-Truth-Conditional Semantics*. London: Academic Press, 1975.
- ZIMMER, Karl E. Some general observations about nominal compounds. In *Working Papers on Language Universals* 5: 1–24. Stanford: Stanford University Press, 1971 (Reprinted in 1981 in *Wortbildung*, Leonard Lipka and Hartmut Günther (eds.), 233–257. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt.)

A prática definitória dos dicionários e a concepção semântico-cognitiva de polissemia¹

Dirk Geeraerts²

Tradução: Ana Flávia Souto de Oliveira³

Revisão da tradução: Dalby Dienstbach Hubert⁴, Larissa Brangel⁵

Revisão técnica: Anna Maria Maciel⁶

1 A essência do argumento

A Semântica Cognitiva teve um grande impacto nos estudos lexicais: mais do que qualquer outra abordagem recente, nos últimos quinze anos, ela levou a um interesse renovado pela pesquisa lexical. Mas e a Lexicografia? Qual a relação entre Semântica Cognitiva e Lexicografia? E, especificamente, no contexto da presente edição desta revista, qual o impacto da Semântica Cognitiva no tratamento lexicográfico da polissemia? A seguir, tentarei responder essa pergunta – de modo sucinto e talvez um tanto superficial, mas também o mais imparcial possível quanto ambas as partes teórico-lexicológica e prático-lexicográfica da comparação. Enfatizo minha tentativa de imparcialidade, pois quero, deliberadamente, evitar qualquer forma de imperialismo teórico. Este artigo, definitivamente, não supõe que, em princípio, os teóricos tenham as respostas e que os lexicógrafos apenas tenham que segui-las. Anteriormente (GEERAERTS, 1997: 5), já assinei que deveria existir uma relação de inspiração mútua entre

¹ Artigo publicado originalmente em 2001 em *Lexicographica* (17), e em 2006 em GEERAERTS, Dirk. *Words and other Wonders: papers on lexical semantic topics*. Traduzido com a permissão do autor a partir do texto em inglês GEERAERTS, Dirk. *The definitional practice of dictionaries and the Cognitive Semantic conception of polysemy*. *Lexicographica*, 17: 6-21, 2001.

² Universidade Católica de Leuven, Bélgica.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS; pesquisadora do Grupo TERMISUL; docente do PPG Letras, UFRGS.

ambas as disciplinas, e, mesmo que o presente artigo olhe da teoria lexicológica para a prática lexicográfica, ao invés do contrário, ainda acredito que a perspectiva oposta seja igualmente válida.

Em linhas gerais, vou argumentar que várias das práticas de definição e descrição já existentes no dicionário que são, de algum modo, duvidosas a partir de um ponto de vista teórico mais antigo recebem uma interpretação e legitimidade natural no modelo teórico oferecido pela Semântica Cognitiva. Mais especificamente, existem três aspectos da concepção Cognitiva de estrutura semântica lexical que devem ser discutidos: a importância dos efeitos prototípicos para a estrutura lexical, a intratabilidade da polissemia e a natureza estruturada da polissemia. Argumentarei que cada um desses pontos suscita uma conclusão específica para a prática lexicográfica, ou, pelo menos, justifica aspectos já existentes da prática lexicográfica.

* A importância dos efeitos prototípicos para a estrutura lexical torna menos nítida a distinção entre informação semântica e informação enciclopédica. Isso não quer dizer que não exista diferença entre dicionários e enciclopédias como obras de referência, mas que a referência a exemplos e a traços característicos são algo natural de se esperar em dicionários.

* A intratabilidade da polissemia envolve a falta de um conjunto coerente de critérios para caracterizar a polissemia; uma forma mais acessível de expressar isso seria dizer que a distinção entre os significados de um item lexical é em certa medida um fenômeno flexível e baseado em contexto. Os dicionários, assim, usarão várias técnicas definitórias para acomodar a flexibilidade do significado.

* A natureza estruturada da polissemia envolve, basicamente, uma estrutura polissêmica de agrupamento radial. Enquanto a lexicografia certamente nunca negou a existência de ligações entre as muitas leituras de um item lexical, a Semântica Cognitiva adicionou novos *insights*: a natureza agrupada das estruturas polissêmicas está agora sendo analisada mais detalhadamente do que nunca. Para a lexicografia, isso implica em reconhecer o problema da linearização que os dicionários tradicionais enfrentam.

Este artigo tem uma estrutura mais ou menos dedutiva. Primeiramente, apresentarei as facetas da Semântica Cognitiva nas quais quero me focar (não tentarei, contudo, apresentar uma introdução geral à abordagem Cognitiva: para volumes introdutórios, veja Taylor, 1995; Ungerer; Schmid, 1996; Palmer, 1996; Violi, 1997; Dirven; Verspoor, 1998. A discussão da seção 2 será, em grande parte, desnecessária para leitores familiarizados com a Semântica Cognitiva). A seguir, identificarei as expectativas próprias da prática lexicográfica que podem ser deduzidas dessa análise teórica, e então prosseguirei mostrando que essas características previstas são, de fato, essenciais à prática lexicográfica real – apesar do que pode se esperar com base em outras abordagens teóricas à semântica. O artigo é finalizado com uma tentativa de inserir essas observações num contexto

mais amplo: a relação entre lexicografia e Semântica Cognitiva não se esgota pela discussão da polissemia.

2 Uma introdução à Semântica Cognitiva

Quais são as características estruturais das estruturas semasiológicas destacadas pela Semântica Cognitiva? Um bom ponto de partida para definir alguns dos tópicos centrais da Semântica Cognitiva é fornecido pela famosa distinção entre o nível dos sentidos e o nível dos referentes (em terminologia lógico-semântica, entre *intensão* e *extensão*).

Considere a palavra *fruit* [fruta/fruto].⁷ Essa é uma palavra polissêmica: próximas à leitura básica e cotidiana (“parte comestível doce e macia de uma planta, que contém sementes”), existem muitas outras leituras convencionalmente associadas com a palavra. Em um significado técnico, por exemplo (“a parte de uma planta ou árvore que contém semente”), a palavra também se refere a entidades que encontram-se fora da gama de aplicação da leitura básica, como bolotas de carvalho e vagens de ervilha. Em uma expressão como *the fruits of nature* [os frutos da natureza], o significado é ainda mais geral, pois a palavra se refere a tudo que cresce e pode ser comida pelas pessoas (incluindo, por exemplo, grãos e vegetais). Além disso, há uma série de leituras figuradas, incluindo o significado abstrato “o resultado ou consequência de uma ação” (como em *the fruit of his labour* [os frutos de seu trabalho] ou *his work bore fruit* [seu trabalho produziu frutos]), ou a leitura um tanto arcaica “prole, descendente” (como nas expressões bíblicas *the fruit of the womb* [o fruto do ventre], *the fruit of his loins* [fruto de suas entranhas]).

Cada uma dessas leituras constitui um significado separado de *fruit*, mas por outro lado, cada um deles pode ser pensado como um conjunto de coisas no mundo real. O significado básico de *fruit*, por exemplo, corresponde a um conjunto constituído por maçãs, laranjas e bananas (e muitos outros tipos de frutas). Se você pensar em *fruit* com esse significado central como uma categoria, o conjunto seria composto pelos membros da categoria. Esses membros são ‘coisas’ apenas em um sentido amplo. No exemplo *fruit*, casualmente, eles são objetos materiais, mas no caso de verbos, podem ser ações, situações, ou eventos; no caso de adjetivos, podem ser propriedades; e assim por diante. Do mesmo modo, as

⁷ (N.T.) Mantivemos os itens lexicais discutidos e os exemplos conforme o original, em inglês. As traduções são fornecidas após o original entre colchetes. Os significados relativos aos itens lexicais foram traduzidos, mas o escopo deles se refere ao significado do item lexical em língua inglesa.

'coisas' que figuram no conjunto não precisam existir no mundo real. O conjunto contém todas as maçãs e laranjas (etc.) reais e imaginárias que *fruit* possa nomear, da mesma forma que o item lexical *goblin* [gnomo] terá um conjunto de membros associados a ele, independentemente de gnomos serem reais ou não:

Dada a diferença entre o nível intensional e extensional de análise semasiológica, podemos agora descrever três características estruturais que recebem atenção especial dentro da perspectiva teórica da Semântica Cognitiva.

2.1 Diferenças de peso estrutural

Diferenças na saliência envolvem o fato de que nem todos os elementos em um nível de análise têm o mesmo peso estrutural. No nível semântico, por exemplo, a leitura cotidiana de *fruit* ocupa uma posição mais central do que a leitura arcaica de "prole" ou a leitura técnica. Vários indícios podem servir como evidência para corroborar essa posição central. Em um deles, a leitura central vem à cabeça mais rapidamente quando as pessoas pensam na categoria: quando perguntado o que *fruit* significa, é mais provável que você mencione a parte comestível das plantas e não os descendentes de uma pessoa. Em outro, a leitura "parte comestível" é mais freqüente no uso real da linguagem.

Além disso, a leitura "parte comestível" é um bom ponto de partida para descrever as outras leituras. Provavelmente, seria mais fácil de compreender a expressão *fruit of the womb* [fruto do ventre] (se ela for nova para você) quando você compreende a leitura "parte comestível" do que o inverso. A leitura básica, em outras palavras, é o centro de coesão semântica da categoria; ela mantém a categoria unida tornando as outras leituras acessíveis. Em resumo, três características podem ser mencionadas como indícios para a existência de uma leitura específica localizada na posição central da categoria: saliência psicológica, freqüência relativa de uso e vantagem interpretativa.

Contudo, efeitos de centralidade não estão restritos ao nível dos significados, mas podem ser invocados também a nível referencial. Quando incitados, os europeus citarão mais prontamente maçãs e laranjas como tipos de fruta do que abacates e romãs, e referências a maçãs e laranjas são provavelmente mais freqüentes em um contexto europeu do que referências a mangas (isso não exclui, certamente, diferenças culturais entre diferentes partes da Europa).

A terminologia usada para descrever essas diferenças de peso estrutural é bastante diversa, e a descrição contida nos parágrafos anteriores apresentou termos (intuitivamente transparentes) como *saliência*, *tipicalidade* e *centralidade*, para se referir às diferenças de peso estrutural. Porém o termo mais técnico é *prototipicidade*: o protótipo é a leitura central de um item ou o subconjunto central dentro do alcance extensional de uma leitura específica. A literatura

lingüística existente sobre protótipos é vasta. Além dos trabalhos introdutórios mencionados acima, veja Mangasser-Wahl (2000) para um interessante panorama do desenvolvimento dessa abordagem.

2.2 Problemas de demarcação

Os elementos em um nível particular de análise semasiológica não precisam necessariamente ser distinguíveis uns dos outros de modo claro. Como exemplo, consideremos a questão de se o significado central de *fruit* [fruta/fruto] pode ser delimitado de maneira precisa. Tal delimitação tomará a forma de uma definição que seja geral e distintiva: ela é geral no sentido de nomear características que sejam comuns a todas as frutas, e ela é distintiva no sentido de ser suficiente para distinguir a categoria 'fruta' (no sentido relevante) de qualquer outra categoria (se uma definição não é distintiva, ela é muito geral: ela cobrirá casos que não se encaixam na categoria a ser definida).

Assim, muitas das características propensas a serem incluídas em uma definição da leitura central de *fruit* não possuem a generalidade exigida: as frutas não são necessariamente doces (limões), elas não necessariamente contêm partes que são reconhecidas imediatamente como sementes (bananas), não são necessariamente macias (maçã). Existem, certamente, vários traços que apresentam a generalidade requerida: todas as frutas crescem acima do solo em plantas ou árvores (e não abaixo do solo); elas têm que amadurecer antes que você possa comê-las, e, se você quer prepará-las (ao invés de comê-las cruas), você usará prioritariamente açúcar, ou pelo menos irá usá-las em pratos que tenham um sabor predominantemente doce. Contudo, consideradas de modo conjunto, essas características não são suficientes para evitar que amêndoas (e outras castanhas), ou um vegetal como ruibarbo (que é normalmente cozido com açúcar), sejam incluídos de maneira errônea na categoria que está para ser definida.

Temos que concluir, assim, que o sentido central de *fruit* não pode receber uma definição que seja tanto geral quanto distintiva. Se passarmos a analisar o nível referencial, podem ser observados efeitos similares: a fronteira das categorias não é sempre delimitada de modo claro. Por exemplo, um coco ou uma azeitona são frutas?

Dificuldades definitórias como a recém exemplificada são realçadas pela existência de vários tipos de testes para diferenciar entre vagueza e polissemia – e especificamente pelo fato de que os testes existentes podem produzir resultados que são de certo modo divergentes uns com os outros. Para ilustrar brevemente o ponto principal, e sem discutir todos os testes específicos que já foram sugeridos, podem ser distinguidos três tipos de critérios.

Primeiro, do ponto de vista veri-funcional baseado em Quine (1960-129), um

item lexical é polissêmico se ele pode ser ao mesmo tempo claramente verdadeiro e claramente falso do mesmo referente. Considerando as seguintes leituras de *port* [porto]: “ancoradouro” e “vinho doce e encorpado de Portugal”, a polissemia desse item é estabelecida por frases tais como *Sandeman is a port (in a bottle), but not a port (with ships)* [Sandeman é um porto (em uma garrafa), mas não um porto (com navios)].

Em segundo lugar, *testes lingüísticos* envolvem julgamentos de aceitabilidade sobre frases que contenham duas ocorrências relacionadas do item sob consideração (uma das quais pode ser implícita ou estar na estrutura profunda); se a relação gramatical entre ambas as ocorrências exige que elas sejam semanticamente idênticas, a sentença resultante pode ser um indício da polissemia do item. Por exemplo, o teste de identidade descrito por Zwicky e Sadock (1975) se aplica a construções que, na teoria padrão de Chomsky, supostamente envolvem transformações tais como redução de coordenação e redução com *fazer o mesmo*, as quais requerem a identidade semântica dos itens envolvidos na redução (podemos observar que construções como essas não são mais discutidas hoje em dia em termos transformacionais. Contudo, assim como o termo atual ‘anáfora semântica’ indica, permanece intacta a idéia de que existam restrições semânticas na construção). Assim, a sentença *at midnight the ship passed the port, and so did the bartender* [à meia-noite o navio passou o porto, e o garçom fez o mesmo] é estranha se os dois significados lexicais de *port* estiverem em jogo; desconsiderando trocadilhos, ela apenas pode significar que o navio e, da mesma forma, o garçom passaram pelo porto (ou, talvez, que ambos carregaram um tipo específico de vinho de um lugar para o outro). Uma leitura “cruzada” em que a primeira ocorrência de *port* se refere ao ancoradouro e, a segunda, ao vinho é normalmente excluída. Inversamente, o fato de que as noções “vinho *vintage* doce de Portugal” e “vinho *assemblage* doce de Portugal” podem ser cruzadas em *Vintage Noval is a port, and so is blended Sandeman* [*Vintage Noval* é um porto e *Sanderman assemblage* também] indica que o item lexical *port* é vago e não polissêmico com relação à distinção entre vinhos *assemblage* e *vintage*.

Em terceiro lugar, o *critério definitório* (como apresentado informalmente por Aristóteles no *Analíticos Posteriores II*, xiii) diz que um item tem mais de um significado lexical se não existir uma definição minimamente específica que cubra a extensão do item como um todo, e que ele não tem mais significados lexicais do que definições gerais máximas necessárias para descrever sua extensão. As definições de itens lexicais devem ser o mais geral possível no sentido que elas devem cobrir de maneira mais ampla possível um subgrupo da extensão de um item. Assim, definições separadas para “vinho *assemblage* doce e encorpado de Portugal” e “vinho *vintage* doce e encorpado de Portugal” não podem ser consideradas definições de significados lexicais, pois elas podem ser agrupadas na definição

vinho doce e encorpado de Portugal. Por outro lado, as definições devem ser minimamente específicas no sentido de que devem ser suficientes para distinguir o item dos outros itens não-sinônimos. Uma definição mais geral possível, que abarque tanto *port* como “ancoradouro” quanto *port* como “tipo de vinho”, utilizando-se a definição *coisa, entidade*, é excluída, pois ela não captura a especificidade de *port* enquanto algo distinto de outras coisas.

Assim, não é por acaso que existam vários testes de polissemia, no sentido de que eles não necessariamente chegam sempre (ao contrário do exemplo de *port*) aos mesmos resultados. No caso de palavras co-hipônimas, por exemplo, o enfoque definitório não revela uma ambigüidade, enquanto que o critério de Quine sim. Na verdade, levando em conta que *dog* [cachorro] é um co-hipônimo entre as leituras “*Canis familiaris*” e “*Canis familiaris* macho”, a última definição não é máxima, pois ela define um sub-conjunto apropriado da leitura “*Canis familiaris*”; por outro lado, a sentença *Lady is a dog, but not a dog* [Lady é um cachorro mas não um cachorro] não é excluída. Tais divergências entre testes de polissemia ocorrem numa escala mais ampla: ver Geeraerts (1993), e a discussão em Tuggy (1993), e especificamente Cruse (2000). Seguindo o trabalho iniciado por Geeraerts (1993), Cruse (2000) explora sistematicamente as diversas divergências e convergências dos testes de polissemia. Do ponto de vista do presente artigo, essa linha de discussão é importante, pois dá mais suporte ao reconhecimento de que não há necessariamente uma solução que seja única e ideal para traçar em um item lexical linhas divisórias ao redor de um significado nem entre significados.

2.3 Relações estruturais multidimensionais

A relação que existe entre os vários elementos em cada nível da análise não se restringe aos fenômenos descritos na seção 2.1: as ligações entre esses elementos podem ser descritas de uma maneira mais qualitativa. No nível dos significados, em particular, parece que as relações entre os significados de uma palavra podem ser descritas em termos de um grupo de relações conceituais básicas mais ou menos limitadas. Os significados de *fruit*, por exemplo, não existem isolados, mas estão relacionados de várias maneiras ao sentido central e uns com os outros. A leitura técnica (“parte que contém a semente”) e o sentido ilustrado por *the fruits of nature* [os frutos da natureza] estão ambos relacionados ao significado central por um processo de generalização. A leitura técnica se generaliza a partir da função biológica daquilo que é abarcado no significado central, enquanto que o significado “tudo que cresce e que pode ser comido pelas pessoas” se foca na função que esses elementos têm para os seres humanos. Os usos figurados, por outro lado, estão ligados aos outros significados por uma relação

metafórica, mas note também que o significado “prole” está ainda mais próximo ao significado central, pois ele permanece dentro do domínio biológico. O panorama geral, em resumo, toma a forma de um agrupamento de leituras mutuamente inter-relacionadas.

Essa observação é, certamente, familiar e possui uma tradição na semântica lexical: a terminologia utilizada para descrever as ligações entre os significados originou-se com a semântica diacrônica no final do século XIX, com o surgimento da semântica lexical como uma sub-disciplina separada da lingüística. Porém, o que é novo na Semântica Cognitiva é a ênfase dada à estrutura geral dos significados relacionados, e não as suas ligações individuais: uma ênfase na natureza multidimensional da estrutura geral e uma ênfase no papel coesivo dos centros prototípicos dentro de tais estruturas. Na verdade, as análises multidimensionais da estrutura semântica de itens lexicais são uma característica comum da Semântica Cognitiva: elas são uma característica crucial do modelo de agrupamento radial da estrutura semântica que se tornou popular pelo trabalho de Brugman (1981) e Lakoff (1987) e muitos outros. Além da teoria prototípica, descrita acima, e da teoria das metáforas conceituais, introduzidas por Lakoff e Johnson (1980), o modelo de agrupamento radial de descrição semântica possivelmente é o traço mais conhecido da Semântica Cognitiva.

2.4 Resumindo a posição da Semântica Cognitiva

O modelo semasiológico resultante das páginas anteriores pode ser resumido no formato gráfico da Figura 1. Sem ser, de forma alguma, exaustiva, a figura mostra como uma palavra como *fruit* pode, em um primeiro nível de análise, estar associada a vários significados. Num segundo nível de análise, cada um desses significados está associado individualmente a um conjunto de referentes. Esses conjuntos são representados de uma maneira que lembra a representação com diagramas de Venn, que é comum na matemática. Exemplos de entidades no nível referencial são incluídos apenas no conjunto associado ao significado “parte comestível”. Isto é, certamente, uma questão de economia gráfica e não de um critério específico. Em cada nível, devem ser levadas em consideração características estruturais específicas. Das três características básicas mencionadas acima, duas foram representadas graficamente na figura. As diferenças de centralidade e peso estrutural entre os elementos em cada nível estão indicadas por sua representação em diferentes tamanhos e por um ordenamento topológico que representa o continuum do centro para a periferia. A natureza estruturada das relações entre os elementos é indicada por uma identificação explícita das ligações relevantes (novamente, por motivos de economia gráfica, isso se restringe ao nível dos significados).

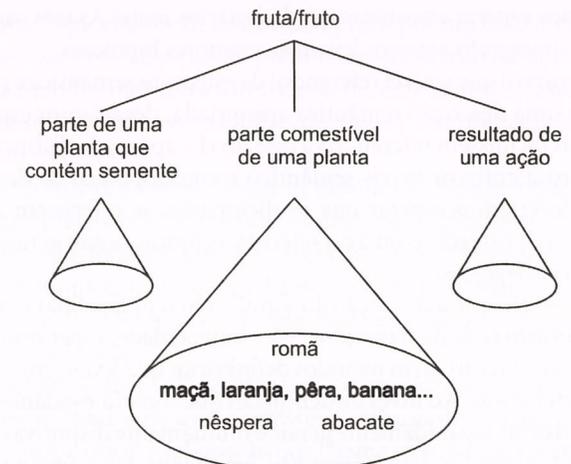


Figura 1.

Chegamos agora ao ponto onde podemos resumir a abordagem específica seguida pela Semântica Cognitiva em alguns pontos:

- * Foi sugerido acima que há uma homologia direta entre a estrutura do nível referencial e a estrutura do nível semântico: as mesmas características estruturais moldam ambos os níveis. Isso sugere que ambos os níveis estão menos distantes do que tradicionalmente se pensa. A visão estruturalista de lexicologia, em especial, tende a sugerir que apenas o nível semântico (o nível dos significados) merece análise lingüística. Ao contrário, a tão-falada concepção semântico-cognitiva que surgiu em oposição à visão estruturalista anterior destaca o fato de que o nível referencial deve ser incluído na análise.
- * Enquanto as abordagens estruturalistas à semântica tendem a ser relutantes ao levar em consideração diferenças de peso estrutural e a demarcação difusa, a Semântica Cognitiva aceita prontamente esses fenômenos e os considera como sendo aspectos relevantes da estrutura semântica.
- * Ligando-se à semântica pré-estruturalista, a Semântica Cognitiva coloca uma nova ênfase na natureza multidimensional e agrupada das estruturas semasiológicas.

3 Da teoria à prática

Agora, quais seriam as conseqüências para a prática lexicográfica? Ou melhor, se a concepção cognitiva de estrutura semântica está inteiramente correta, o

que poderíamos esperar encontrar em dicionários reais? As três características destacadas no parágrafo anterior levam às seguintes hipóteses:

1. Se está correto que o nível referencial da estrutura semântica é parte fundamental de uma descrição semântica apropriada, deveríamos esperar que os dicionários incluíssem referências a esse nível – apesar da distinção tradicional e rigorosa entre os níveis semântico e enciclopédico de descrição. Em especial, deveríamos esperar que os dicionários se referissem a instâncias prototípicas de categorias ou a características típicas (e não gerais) dos membros dessas categorias.

2. Se está correto que a descrição do significado tem que lidar com o aspecto difuso, problemas de demarcação e não-univocidade, esperamos que as definições do dicionário usem métodos definitórios que levem em consideração essas características. Ao invés de definições que tomem rigidamente a forma de características separadamente gerais e mutuamente distintas, esperamos a inclusão de métodos definitórios não-ortodoxos, tais como enumerações, disjunções e acumulação de quase-sinônimos.

3. Se é correto que estruturas semânticas predominantemente tomam a forma de uma estrutura multidimensional de agrupamento radial, devemos esperar que os dicionários enfrentem um problema de linearização: como a natureza multidimensional das estruturas semânticas pode ser mapeada na ordem linear do dicionário?

Nas próximas sub-seções, essas expectativas serão confrontadas com exemplos reais. Será demonstrado que as expectativas estão basicamente corretas.

3.1 Efeitos prototípicos na estrutura lexical

Considere as seguintes definições (de significados independentes ou expressões idiomáticas) do New Shorter Oxford English Dictionary (versão em cd-rom, 1997).

abiogenesis The production of organic matter or compounds, other than by the agency of living organisms; esp. the supposed spontaneous generation of living organisms. [abiogênese Produção de material ou compostos orgânicos, sem a agentividade de organismos vivos; esp. a suposta geração espontânea de organismos vivos]

baritone *A 1* The male voice between tenor and bass, ranging typically from lower A in the bass clef to lower F in the treble clef; a singer having such a voice; a part written for such a voice. [barítono *A 1* Voz masculina entre tenor e baixo, variando tipicamente de um Lá menor na clave de Fá até Fá menor na clave de Sol; um cantor que tem tal voz; uma peça escrita para tal voz]

cup *b* An ornamental vessel, typically of silver and comprising a bowl with a stem and base, that is offered as a prize in a competitive event. [taça *b* Vaso

ornamental, tipicamente de prata e composto por um bojo com uma haste e uma base, que é oferecida como prêmio em um evento competitivo]

defoliate Remove the leaves from; cause the defoliation of, esp. as a military tactic. [desfolhar Remove as folhas de; causar a desfolhação de, esp. como uma tática militar]

dwarf *A 1 b* Any of a mythical race of diminutive beings, typically skilled in mining and metalworking and often possessing magical powers, figuring esp. in Scandinavian folklore. [anão *A 1 b* Qualquer indivíduo de uma raça mítica de seres diminutos, tipicamente habilidoso em trabalhar com mineração e forjaria e que frequentemente possui poderes mágicos, aparecendo esp. no folclore escandinavo]

hear! hear! An exclam. calling attention to a speaker's words, e.g. in the House of Commons, and now usu. expressing enthusiastic assent, occas. ironical derision. [ouça! ouça! Exclamação que chama atenção para as palavras de um falante, ex. na Câmara dos Comuns, e agora ger. expressando consentimento entusiástico, às vezes zombaria irônica]

heart *5* A central part of distinct conformation or character, e.g. the white tender centre of a cabbage, lettuce, etc. [coração *5* Parte central de configuração ou de caráter distinto, ex. o centro macio e branco de um repolho, alface etc.]

honours of war Privileges granted to a capitulating force, e.g. that of marching out with colours flying. [honras de guerra Privilégios concedidos a uma força armada, ex. aquele de desfilar com bandeiras]

model *2 a (fig.)* A person or thing resembling another, esp. on a smaller scale. [modelo *2 a (fig.)* Pessoa ou coisa que lembre outra, esp. em uma escala menor]

tea *5* A meal or social gathering at which tea is served. Now esp. (a) a light afternoon meal, usu. consisting of tea, cakes, sandwiches, etc. (also more fully afternoon tea, five o'clock tea); (b) (in parts of the UK, and in Australia and NZ) a main meal in the evening that usually includes a cooked dish, bread and butter, and tea (also more fully high tea) [chá *5* Refeição ou reunião social na qual é servido chá. Atualmente, esp. (a) uma refeição leve durante a tarde, que ger. consiste em chá, bolos, sanduíches etc. também *afternoon tea, five o'clock tea*); (b) (em partes do Reino Unido e na Austrália e Nova Zelândia) refeição principal à noite que geralmente inclui um prato quente, pão e manteiga e chá (também *high tea*)]

tee A conical metallic structure, usually hung with bells, surmounting the pagodas of Myanmar (Burma) and adjacent countries. [finial Estrutura metálica cônica, normalmente suspensa com sinos que fica sobre pagodes de Mianmar (Burma) e países adjacentes]

thimble *rig* A sleight-of-hand game or trick usually played with three inverted thimbles and a pea, the thimbles being moved about and bystanders encouraged to place bets or to guess as to which thimble the pea is under.

[jogo dos dedais. Jogo ou truque de mãos geralmente feito com três dedais e uma ervilha, com os dedais sendo movidos e embaralhados e os espectadores encorajados a fazer apostas ou a adivinhar embaixo de qual dedal está a ervilha]

Em cada uma dessas definições, palavras como *especially* [especialmente], *e.g.* [exemplo], *typically* [tipicamente], *usually* [normalmente] e *often* [geralmente] introduzem características descritivas que não são gerais, mas que, ao invés, identificam características ou instâncias típicas (prototípicas, se preferir) da categoria. Dentro de uma concepção estruturalista de semântica, isso seria inadmissível, pois esses elementos pertencem ao nível “enciclopédico” e não ao nível semântico. Contudo, na prática real, essa técnica definitória orientada por um protótipo dificilmente pode ser chamada de excepcional no contexto geral do dicionário. A expressão *esp.* [esp.], por exemplo, é usada ao menos 28335 vezes em 18274 entradas do dicionário.

A propósito, isso significa que a diferença entre dicionários e enciclopédias é artificial? Essa pergunta requer uma breve retomada. Uma antiga discussão sobre esse tópico entre Haiman (1980) e Frawley (1981), com uma réplica de Haiman (1982), é um bom ponto de partida para delimitar o ponto de vista Cognitivo (para uma discussão mais recente dessa questão teórica, veja as contribuições em Peeters, 2000). Por um lado, a base teórica para a distinção entre dicionários e enciclopédias não pode ser fornecida pela abordagem estruturalista (como em Lara, 1989): é um aspecto crucial da Semântica Cognitiva que a distinção entre os dois níveis de descrição não é tão rígido quanto é suposto pela doutrina estruturalista. Por outro lado, há uma diferença prática entre dicionários e enciclopédias que não precisa ser excluída: existe uma diferença de escopo e conteúdo entre, digamos, a *Encarta* ou o *New Shorter Oxford English Dictionary*, ou entre a *Encyclopaedia Britannica* e o *Oxford English Dictionary*, e nenhum lingüista cognitivo objetaria contra essa distinção.

Essa distinção reside basicamente em duas características. Macroestruturalmente, enciclopédias se focam em nomes próprios, substantivos e possivelmente em vários outros elementos da classe aberta de palavras, enquanto que dicionários incluem todas as classes de palavras (tipicamente excluindo todos ou a maioria dos nomes próprios). Microestruturalmente, enciclopédias se focam em informações especializadas, como as fornecidas por cientistas, técnicos ou profissionais, enquanto que essa informação é apenas um dos tipos de descrição semântica que os dicionários podem incluir, junto com os usos mais comuns das palavras.

Mas se a Semântica Cognitiva aceita essa distinção, como essa abordagem pode justificá-la? Como pano de fundo teórico para a distinção entre o tipo de informação tipicamente incluído em enciclopédias e aquele incluído em dicionários, necessitamos de uma teoria “sócio-semântica”: uma teoria sobre a dis-

tribuição do conhecimento semântico dentro de uma comunidade lingüística. Informações científicas, técnicas e profissionais são, na verdade, informações primárias produzidas e certificadas por um grupo específico de pessoas – os especialistas, que são reconhecidos pela comunidade como tais e nos quais a comunidade confia quando um conhecimento especializado está em jogo. Embora tal teoria “sócio-semântica” ainda não esteja disponível com nenhum grau razoável de percepção, um ponto de partida é fornecido pela teoria da divisão do trabalho lingüístico de Putnam (1975), que distingue explicitamente entre *conceitos extensionais* (o conhecimento de especialista) e *estereótipos* (o conhecimento semântico básico que é suposto que os usuários da língua tenham se eles forem considerados membros plenos da comunidade lingüística). Uma combinação da abordagem de Putnam com a teoria prototípica não é impossível (veja Geeraerts, 1985; 1987): se um conceito prototipicamente organizado combina todas as várias nuances com as quais um item lexical pode ser usado dentro de uma comunidade lingüística, então, conceitos extensionais e estereotípicos são membros especiais do conjunto prototípico total de aplicações de um item. Os conceitos extensionais são caracterizados por sua natureza especializada, enquanto que os estereótipos representam a quantidade mínima de conhecimento semântico que é suposto que o usuário da língua tenha caso ele domine a língua. *Grosso modo*, os estereótipos possivelmente coincidirão com os significados mais comuns e centrais dentro de um agrupamento prototípico: o que se supõe que as pessoas saibam em primeiro lugar são as leituras centrais do agrupamento.

Esse reconhecimento de uma possível combinação teórica da teoria prototípica e de uma teoria da divisão do trabalho lingüístico rende um modelo teórico para obras de referência que fornece de modo natural um lugar tanto para a enciclopédia quanto para o dicionário (veja Geeraerts, 1985; 1987). Na verdade, é possível distinguir três tipos básicos de obras:

- * O conhecimento especializado técnico, profissional e científico é tratado em enciclopédias e dicionários terminológicos.
- * O conjunto completo de significados prototipicamente organizados de um item lexical, incluindo nuances e leituras menos frequentes ou mais especializadas, é tratado por dicionários gerais, do tamanho representado (para citar apenas alguns) pelo *New Oxford Dictionary of English* ou *Merriam Webster's Collegiate Dictionary*, e qualquer dicionário de maior tamanho.
- * Minidicionários podem ser relacionados à noção de estereótipo: eles fazem uma seleção do grupo total de significados prototípicos, apresentando apenas os mais centrais e mais frequentes.

Encerrando essa retomada, podemos concluir que uma concepção semântico-cognitiva da relação entre conhecimento semântico e enciclopédico não impede uma justificativa teórica para a distinção entre dicionários e enciclopédias como sendo tipos diferentes de obras de referência.

3.2 A intratabilidade da polissemia

Problemas de demarcação definitória evidenciam-se no fato de que os dicionários parecem utilizar técnicas definitórias não-ortodoxas do ponto de vista de uma concepção tradicional de significado. Considere o seguinte conjunto de entradas, novamente do *New Shorter Oxford English Dictionary* (as entradas estão apresentadas de forma reduzida: foram deixados de fora etimologias, exemplos, datas e várias marcas de uso).

primer I [cartilha]

1 A prayer-book or devotional manual for the laity. [livro de orações ou manual religioso para leigos]

2 An elementary textbook (orig. a small prayer-book) used in teaching children to read. [livro-texto elementar (orig. um pequeno livro de orações) usado para ensinar crianças a ler]

b A small introductory book on any subject; *fig.* something introducing or providing initial instruction in a particular subject, practice, etc. [pequeno livro introdutório sobre qualquer assunto; *fig.* algo que introduz ou fornece instrução inicial em qualquer assunto, prática etc.]

c (A child in) an elementary class in a primary school. [(criança em) uma aula elementar em uma escola primária]

3 A size of type. Chiefly & now only in *great primer*, *long primer*. [Tamanho de caráter tipográfico. Principalmente e agora utilizado apenas em *great primer*, *long primer*]

primer II [cápsula]

1 a = *priming-wire*. [arame de limpeza para armas de fogo]

b A cap, cylinder, etc., containing a compound which responds to friction, electrical impulse, etc., and ignites the charge in a cartridge etc. [cápsula, cilindro etc., que contém um composto que responda à fricção, impulso elétrico etc., que acione a carga em um cartucho etc.]

2 A substance used as a preparatory coat on previously unpainted wood, metal, canvas, etc., esp. to prevent the absorption of subsequent layers of paint or the development of rust. [substância utilizada como revestimento preparatório em material previamente não pintado, de madeira, metal, lona etc., esp. para evitar a absorção de camadas subsequentes de tinta ou o desenvolvimento de ferrugem ou mofo]

3 A person who primes something. [pessoa que inicia algo]

4 *Aeronaut.* A small pump in an aircraft for pumping fuel to prime the engine. [*Aeronáut.* pequena bomba em uma aeronave que bombeia combustível para dar partida no motor]

5 a *Biochem.* A molecule that serves as a starting material for a polymerization. [*Bioquím.* molécula que serve como material de ativação para uma polimerização]

b *Zool. & Physiol.* A pheromone that acts initially on the endocrine system, and is thus more general in effect than a releaser. [*Zool. e Fisiol.* feromônio que age inicialmente no sistema endócrino, e é assim de efeito mais geral do que um liberador]

primer III [primeiro]

1 First in order of time or occurrence; early; primitive. [primeiro em ordem cronológica ou ocorrência; precoce; primitivo]

2 First in rank or importance; principal, chief. [primeiro em um ranking de importância; principal, chefe]

Em quase metade das quatorze acepções apresentadas aqui, encontramos técnicas definitórias que pareceriam inadmissíveis caso alguém assumia que os significados tenham que ser definidos em termos de características necessárias e suficientes, gerais e distintas. Para começar, encontramos disjunções em I 1 (*A prayerbook or devotional manual for the laity*), em I 2b (*something introducing or providing initial instruction in a particular subject, practice, etc.*), em II 2 (*A substance used as a preparatory coat on previously unpainted wood, metal, canvas, etc., esp. to prevent the absorption of subsequent layers of paint or the development of rust*), em III 1 (*First in order of time or occurrence*), e em III 2 (*First in rank or importance*). De um ponto de vista tradicional, disjunções devem ser banidas das definições, pois elas não apreendem os aspectos comuns da categoria a ser definida.

De modo semelhante, enumerações ilimitadas devem ser evitadas: elas podem ilustrar ou demarcar parcialmente a categoria, mas elas não definem a categoria, caso seja assumida uma concepção rígida das definições. Contudo, nos exemplos, aparecem várias enumerações ilimitadas: em I 2b (*something introducing or providing initial instruction in a particular subject, practice, etc.*), em II 1 a (*A cap, cylinder, etc., containing a compound which responds to friction, electrical impulse, etc., and ignites the charge in a cartridge etc.*), em II 2 (*A substance used as a preparatory coat on previously unpainted wood, metal, canvas, etc.*).

Por último, podemos notar ainda que a justaposição de quase-sinônimos é outra forma de tornar as definições mais imprecisas. No exemplo III 1, os quase-sinônimos *early* [precoce] e *primitive* [primitivo] não têm exatamente o mesmo significado (o que é descrito com *early* não é necessariamente descrito como *primitive*, e vice-versa). Ao mesmo tempo, eles adicionam algo à definição analítica; em especial, o quase sinônimo *primitive* acrescenta uma nuance de ausência de refinamento que não está explícita na definição *First in order of time or occurrence*.

Em resumo, a prática lexicográfica parece estar de acordo com a observação lexicológica de que a distinção entre significados não precisam ser bem-delimitadas. Esse fato, certamente, não fugiu aos próprios lexicógrafos: entre outros, veja Ayto (1983), Stock (1983) e Hanks (1994). No campo relacionado da lexicografia computacional, vozes semelhantes podem ser ouvidas: Kilgarriff (1997).

3.3 A natureza estruturada da polissemia

Consideremos as sete primeiras acepções do adjetivo *fresh* [fresco] no *Oxford English Dictionary*, segunda edição (no levantamento abaixo, algumas vezes as definições são apresentadas apenas parcialmente. Algumas nuances de significado foram deixadas de fora).

I New, recent [I. Novo, recente]

1. a. New, novel; not previously known, used, met with, introduced, etc. b. In weaker sense: Additional, another, other, different, further. [1. a. Novo, original; não conhecido, usado, encontrado, introduzido etc. anteriormente b. Em um sentido mais fraco: adicional, outro, diferente, a mais]

2. Recent; newly made, recently arrived, received, or taken in. [2. Recente; recém feito, recém chegado, recebido ou incluído]

3. Making one's first acquaintance with a position, society, etc.; raw, inexperienced; unsophisticated, 'green'. [3. fazer alguém tomar conhecimento pela primeira vez de uma posição, sociedade etc.; não preparado, inexperiente; ingênuo, "verde"]

II. Having the signs of newness. [II. Ter sinais de frescor/novidade]

4. Of perishable articles of food, etc.: New, in contradistinction to being artificially reserved; (of meat) not salted, pickled, or smoked; (of butter) without salt; (of fruits, etc.) not dried or preserved in sugar or the like [4. de alimentos perecíveis etc.: novo, em oposição a conservado artificialmente; (da carne) não-salgada, em conserva ou defumada; (da manteiga) sem sal; (de frutas etc.) não desidratadas ou conservadas em açúcar ou assemelhados]

5. Of water: Not salt or bitter; fit for drinking. [5. da água: não salgada ou amarga; apropriada para consumo]

6. Untainted, pure; hence, possessed of active properties; invigorating, refreshing. Said esp. of air [6. não contaminado, puro; que possui, portanto, propriedades ativas; revigorante, refrescante. Dito esp. do ar]

7. Retaining its original qualities; not deteriorated or changed by lapse of time; not stale, musty, or vapid. [7. que retém suas qualidades originais; não deteriorado ou modificado pelo passar do tempo; não estragado, mofado ou insípido]

O artigo léxico apresenta uma ordem linear dos significados, com uma estrutura taxonômica hierárquica superior de três níveis. Até mesmo um exame rápido das definições revela que a ordem hierárquica não deixa explícita todas as relações que existem entre os diferentes significados.

* As acepções de 1-3 do grupo I estão relacionadas por similaridade, com a acepção 1 sendo provavelmente o centro prototípico do grupo. *Grosso modo*, o significado 1 pode ser parafraseado como "novo a partir da perspectiva do observador". O significado 2 é "novo desse modo, produzido recentemente". O significado 3 pode receber a paráfrase "novo em um contexto científico, novo em dada posição ou função". As acepções do grupo II estão, do mesmo modo, relacionadas por similaridade, mas a número 7 parece ser mais

abrangente do que as outras: se 7 for parafraseada como "manter seu caráter original de maneira ideal", então ambas as leituras de 6 "puro e forte" e 4 "ideal para consumo, ainda em posse de todo seu valor nutricional" são especializações de 7. Por outro lado, o significado 5, "apropriado para beber", relaciona-se ao 6. Resumindo, a ordem linear dentro de cada um dos grupos I e II não apresenta um valor idêntico, ou, ao menos, as relações semânticas dentro de cada grupo são mais específicas do que pode ser expresso por uma mera ordem linear.

* A relação entre os grupos I e II é metonímica: ter as características de novidade e frescor é um resultado causal de ser novo, em qualquer significado. Contudo, tal relação metonímica também aparece dentro do grupo I. A nuance "não preparado, inexperiente, ingênuo" que aparece após os dois-pontos na definição 3 é tanto um "sinal de novidade" no sentido de 3 quanto os significados de 4-7 são sinais de novidade no sentido definido por 2. Em outras palavras, vemos que o mesmo tipo de relação não é tratado sempre da mesma forma. Isso também sustenta a relação de especialização semântica que liga 7 a 4, 5 e 6. Note, na verdade, que a leitura 1b é uma especialização semântica de 1a. As coisas que são caracterizadas como *fresh* em 1b não são novas apenas do ponto de vista do observador, elas são novas em comparação a um conjunto ou série de coisas similares.

No geral, então, a estrutura semântica do item é multidimensional. Uma análise mais ampla e detalhada, sem sombra de dúvidas, revelaria mais dimensões, mas, a essa altura, parece suficiente levar em consideração as três dimensões que se tornaram importantes em nossa rápida análise: a relação de similaridade entre 1, 2 e 3; a relação de especialização que existe, por um lado, entre 7 e 4, 5 e 6 e, por outro, entre 1a e 1b; e a relação metonímica entre 2 e 7, e entre 3 e 3' (onde 3' se refere à leitura "não preparado, inexperiente; ingênuo"). O quadro geral pode ser representado graficamente pela Figura 1 (a linha vertical representa a relação de similaridade, a linha horizontal, a relação metonímica, e a linha diagonal, a relação de especialização).

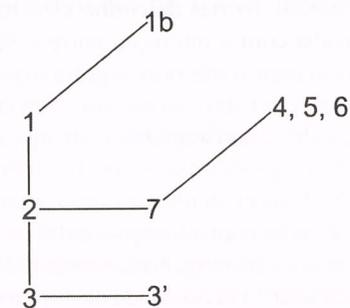


Figura 2

Para deixar claro, a questão não é que a ordem linear do *Oxford English Dictionary* deveria ser julgada como uma representação inadequada da estrutura semântica subjacente. Ao invés disso, a questão é que *qualquer* maneira tradicional de ordenamento linear não pode fazer jus à natureza multidimensional das estruturas semânticas. Em um artigo anterior (Geeraerts, 1990), chamei isso de o *problema da linearização* lexicográfica: o fato de que lexicógrafos que compilam dicionários tradicionais devem projetar uma estrutura semântica multidimensional agrupada na ordem linear do dicionário. Nesse artigo, apresentei uma análise detalhada da palavra *vers* (o equivalente neerlandês para o item inglês *fresh*) e o tratamento dispensado a ela pelo *Woordenboek der Nederlandsche Taal* (a contraparte neerlandesa do *Oxford English Dictionary*), e analisei os vários mecanismos (como agrupamentos hierárquicos, marcas de uso e referências cruzadas) que os lexicógrafos podem empregar para contornar o problema.

A principal questão nessa análise, assim como na do presente artigo, não era prática, mas teórica: se o problema da linearização é realmente um problema recorrente para a lexicografia prática, então é mais adequado que uma metateoria lexicográfica parta de uma teoria lingüística que reconheça explicitamente a multidimensionalidade semântica subjacente.

4 O quadro mais amplo

A discussão presente nas páginas anteriores sugere que a concepção que a Semântica Cognitiva tem de polissemia e estrutura semântica está em consonância com a prática real dos dicionários. Uso deliberadamente a palavra *sugere*, pois os poucos exemplos levados em consideração aqui dificilmente poderiam contar toda a história. Mesmo assim, o que a Semântica Cognitiva parece oferecer à lexicografia é uma concepção de estrutura semântica que seja, talvez em muitos sentidos, mais realista do que a noção que muitas outras teorias semânticas podem oferecer (em especial, teorias de cunho estruturalista). Contudo, esse reconhecimento não acaba com a interação entre a Semântica Cognitiva e a Lexicografia. Existem pelo menos três outros pontos que devem ser mencionados para colocar a presente contribuição em um contexto mais amplo.

Em primeiro lugar, a discussão acima se restringe à abordar a maneira na qual a Semântica Cognitiva engloba uma perspectiva teórica que, por assim dizer, justifica uma prática definitória existente. Contudo, a Semântica Cognitiva pode também sugerir formas de lidar com as relações entre os significados de um item lexical que vão além da prática comum. Swanepoel (1992, 1998) e Van der Meer (2000), por exemplo, defendem a necessidade de dispensar mais atenção às relações motivadas entre os significados nucleares e os sub-significados figurados.

Tais relações motivadas poderiam envolver especificamente metáforas conceituais no sentido lakoffiano (Van der Meer, Swanepoel), ou até esquemas de imagem (Swanepoel). De modo interessante, a sugestão de Van der Meer é parte de uma avaliação crítica do *New Oxford Dictionary of English*, que talvez seja o primeiro dicionário a se referir explicitamente à teoria prototípica como a base de seus princípios organizacionais (cf. Hanks, 1994). Então, até certo ponto, os comentários de Van der Meer podem ser lidos como uma sugestão de que uma influência ainda maior da abordagem cognitiva pode ser lexicograficamente útil.

Em segundo lugar, existem aspectos da lexicografia que a Semântica Cognitiva já abordou, mas que estão além do escopo do presente artigo, que se focam no problema da polissemia. Em especial, a teoria dos frames provou ser um modelo teórico altamente estimulante para a descrição do significado verbal, tanto teórica quanto lexicograficamente (veja Fillmore; Atkins, 1992; 2000, para o lado mais teórico da abordagem e compare a descrição do projeto FrameNet da Universidade de Berkley <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet>> para as aplicações lexicográficas).

E, em terceiro lugar, para concluir, também deve ser mencionado que existem aspectos importantes da prática lexicográfica atual nos quais a Semântica Cognitiva tocou apenas de modo superficial, apesar de a abordagem lexicográfica ter se mostrado extremamente válida para a análise lexical, de um modo amplo, e para o estudo da polissemia, de maneira particular. Especificamente, um enfoque colocacional à polissemia, identificando diferentes significados nos diferentes padrões colocacionais, é um foco metodológico em muitos projetos lexicográficos atuais (ver Moon, 1998). Contudo, apesar de o uso de materiais em *corpus* ser defendido fortemente por muitos lingüistas que trabalham na tradição da Semântica Cognitiva (Geeraerts; Grondelaers; Bakema, 1994; Barlow; Kemmer, 2000), métodos colocacionais para melhorar a compreensão sobre a polissemia não estão (ainda) entre as ferramentas-padrão da lingüística cognitiva.

Em resumo, embora a Semântica Cognitiva pareça oferecer uma perspectiva empolgante para o futuro desenvolvimento da lexicografia e da teoria lexicográfica, claramente a interação real entre as áreas apenas começou a surgir.

Bibliografia

- AYTO 1983 = JOHN AYTO: On specifying meaning. In: REINHARD R.K. HARTMANN, ed.: *Lexicography. Principles and practice*. London 1983, 89-98.
 BARLOW/KEMMER 2000 = MICHAEL BARLOW, SUZANNE KEMMER, eds.: *Usage-based models of language*. Stanford 2000.

- BRUGMAN 1981 = CLAUDIA BRUGMAN: Story of 'over'. MA Thesis. Berkeley 1981.
- CRUSE 2000 = D. ALAN CRUSE: Aspects of the micro-structure of word meanings. In: Yael Ravin, CLAUDIA LEACOCK: Polysemy. Oxford 2000, 30-51.
- DIRVEN/VERSPoor 1998 = RENÉ DIRVEN, MARJOLIJN VERSPOOR: Cognitive exploration of language and linguistics. Amsterdam 1998.
- FILLMORE/ATKINS 1992 = CHARLES FILLMORE, BERYL T.S. ATKINS: Towards a frame-based lexicon: the semantics of 'risk' and its neighbours. In: ADRIENNE
- LEHRER, EVA FEDER KITTAY: Frames, fields, and contrasts. New essays in semantic and lexical organization. Hillsdale 1992, 75-102.
- FILLMORE/ATKINS 2000 = CHARLES FILLMORE, BERYL T.S. ATKINS: Describing polysemy: the case of 'crawl'. In: Yael Ravin, CLAUDIA LEACOCK: Polysemy. Oxford 2000, 91-110.
- FRAWLEY 1981 = WILLIAM FRAWLEY: In defense of the dictionary. A response to Haiman. In: *Lingua* 55, 53-61, 1981.
- GEERAERTS 1985 = DIRK GEERAERTS: Les données stéréotypiques, prototypiques et encyclopédiques dans le dictionnaire. In: *Cahiers de Lexicologie* 46, 27-43, 1985.
- GEERAERTS 1987 = DIRK GEERAERTS: Types of semantic information in dictionaries. In: ROBERT ILSON, ed.: *A Spectrum of Lexicography*. Amsterdam 1987, 1-10.
- GEERAERTS 1990 = DIRK GEERAERTS: The lexicographical treatment of prototypical polysemy. In: SAVAS L. TSOHATZIDIS, ed.: *Meanings and Prototypes*. Studies in Linguistic Categorization. London 1990, 195-210.
- GEERAERTS 1993 = DIRK GEERAERTS: Vagueness's puzzles, polysemy's vagaries. *Cognitive Linguistics* 4, 223-272, 1993.
- GEERAERTS 1997 = DIRK GEERAERTS: *Diachronic prototype semantics*. Oxford 1993.
- GEERAERTS/GRONDELAERS/BAKEMA 1994 = DIRK GEERAERTS, STEFAN GRONDELAERS, PETER BAKEMA: The structure of lexical variation. Meaning, naming, and context. Berlin 1994.
- HAIMAN 1980 = JOHN HAIMAN: Dictionaries and encyclopedias. In: *Lingua* 50, 329-357, 1980.
- HAIMAN 1982 = JOHN HAIMAN: Dictionaries and encyclopedias again. Discussion. In: *Lingua* 56, 353-355, 1982.
- HANKS 1994 = PATRICK HANKS: Linguistic norms and pragmatic exploitations, or why lexicographers need prototype theory, and vice versa. In: Ferenc Kiefer, Gabor Kiss, Julia Pajzs, eds.: *Papers in Computational Lexicography*. Budapest 1994, 89-113.

- KILGARRIFF 1997 = ADAM KILGARRIFF: I don't believe in word senses. In: *Computers and the Humanities* 31, 91-113, 1997.
- LAKOFF 1987 = GEORGE LAKOFF: *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago, London 1987.
- LAKOFF/JOHNSON 1980 = GEORGE LAKOFF, MARK JOHNSON: *Metaphors we live by*. Chicago, London 1980.
- LARA 1989 = LUIS FERNANDO LARA: Dictionnaire de langue, encyclopédie et dictionnaire encyclopédique: le sens de leur distinction. In: FRANZ JOSEF HAUSMANN, OSKAR REICHMANN, HERBERT ERNST WIEGAND, LADISLAV ZGUSTA, eds.: *Wörterbücher. Dictionaries. Dictionnaires*. Berlin, New York 1989, 1280-287.
- MANGASSER-WAHL 2000 = MARTINA MANGASSER-WAHL: *Von der Prototypentheorie zur empirischen Semantik*. Frankfurt-am-Main 2000.
- MOON 1998 = ROSAMUND MOON: *Fixed expressions and idioms in English. A corpus-based approach*. Oxford 1998.
- PALMER 1996 = GARY B. PALMER: *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin 1996.
- PEETERS 2000 = BERT PEETERS, ed: *The semantics-encyclopedia interface*. Oxford 2000.
- PUTNAM 1975 = HILARY PUTNAM: The meaning of meaning. In: HILARY PUTNAM, *Mind, language, and reality. Philosophical papers II*. Cambridge 1975, 215-271.
- QUINE 1960 = WILLARD V.O. QUINE: *Word and object*. Cambridge, Mass. 1960.
- STOCK 1983 = PENELOPE F. STOCK: Polysemy. In: REINHARD R.K. HARTMANN, ed.: *LEXeter '83. Proceedings of the Exeter lexicography conference*. Tübingen 1983, 131-140.
- SWANEPOEL 1992 = PIET SWANEPOEL: Linguistic motivation and its lexicographical application. In: *South African Journal of Linguistics* 10, 49-60, 1992.
- SWANEPOEL 1998 = PIET SWANEPOEL: Back to basics: prepositions, schema theory, and the explanatory function of the dictionary. In: THIERRY FONTENELLE, PHILIPPE HILIGSMANN, ARCHIBALD MICHIELS, ANDRÉ MOULIN, SIEGFRIED THEISSEN, eds.: *Euralex '98 Proceedings*. Liège 1998, 655-666.
- TAYLOR 1995 = JOHN TAYLOR: *Linguistic categorization. Prototypes in linguistic theory*. Oxford 1995 (2nd ed.).
- TUGGY 1993 = DAVID TUGGY: Ambiguity, polysemy, and vagueness. In: *Cognitive Linguistics* 4, 273-290, 1993.
- UNGERER/SCHMID 1996 = FRIEDRICH UNGERER, HANS-JÖRG SCHMID, *An introduction to Cognitive Linguistics*. London 1996.

VAN DER MEER 2000 = GEART VAN DER MEER: Core, subsense, and the New Oxford Dictionary of English. In: ULRICH HEID, STEFAN EVERT, EGBERT LEHMANN, CHRISTIAN ROHRER, eds.: Euralex 2000 Proceedings. Stuttgart 2000, 419-431.

VIOLI 1997 = PATRIZIA VIOLI: Significato ed esperienza. Milano 1997.

ZWICKY/SADOCK 1975 = ARNOLD ZWICKY, JERROLD SADOCK: Ambiguity tests and how to fail them. In: JOHN KIMBALL, ed.: Syntax and Semantics 4. New York 1975, 1-36.

PIM: Um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso¹

Grupo Pragglejaz

Tradução: Dalby Dienstbach Hubert²

Revisão da tradução: Fernanda da Costa Silva³

Revisão Técnica: Ana Cristina Pelosi de Macedo⁴

Este artigo apresenta um método objetivo que pode ser aplicado, de maneira confiável, na identificação de palavras usadas metaforicamente no discurso. Nosso objetivo é fornecer aos pesquisadores de metáforas uma ferramenta que possa ser usada amplamente em diversos contextos de pesquisa. Apresentamos, em primeiro lugar, o Procedimento de Identificação de Metáforas (PIM) e, em seguida, um exemplo de como esse procedimento pode ser aplicado para se identificarem palavras usadas metaforicamente em um texto. Sugerimos então um modelo de apresentação dos resultados do PIM, e apresentamos os dados do nosso estudo de caso, descrevendo a confiabilidade empírica do procedimento. Discutimos várias complicações associadas ao uso do procedimento na prática e, em seguida, comparamos brevemente o PIM a outras propostas de identificação de metáforas. A seção final do artigo propõe formas de se empregar o PIM em estudos disciplinares e interdisciplinares de metáforas.

Um dos maiores desdobramentos das pesquisas sobre metáforas dos últimos anos tem sido o foco na identificação e na explicação da linguagem metafórica no discurso real. Exemplos isolados construídos, frequentemente encontrados em pesquisas linguísticas, ou estímulos criados por psicólogos, com objetivos

¹ Artigo publicado originalmente em 2007 em *Metaphor and Symbol*, 22 (1): 01-39. Traduzido com a permissão dos autores a partir do texto em inglês PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*, 22 (1): 01-39, 2007.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

⁴ Universidade Federal do Ceará, CE.